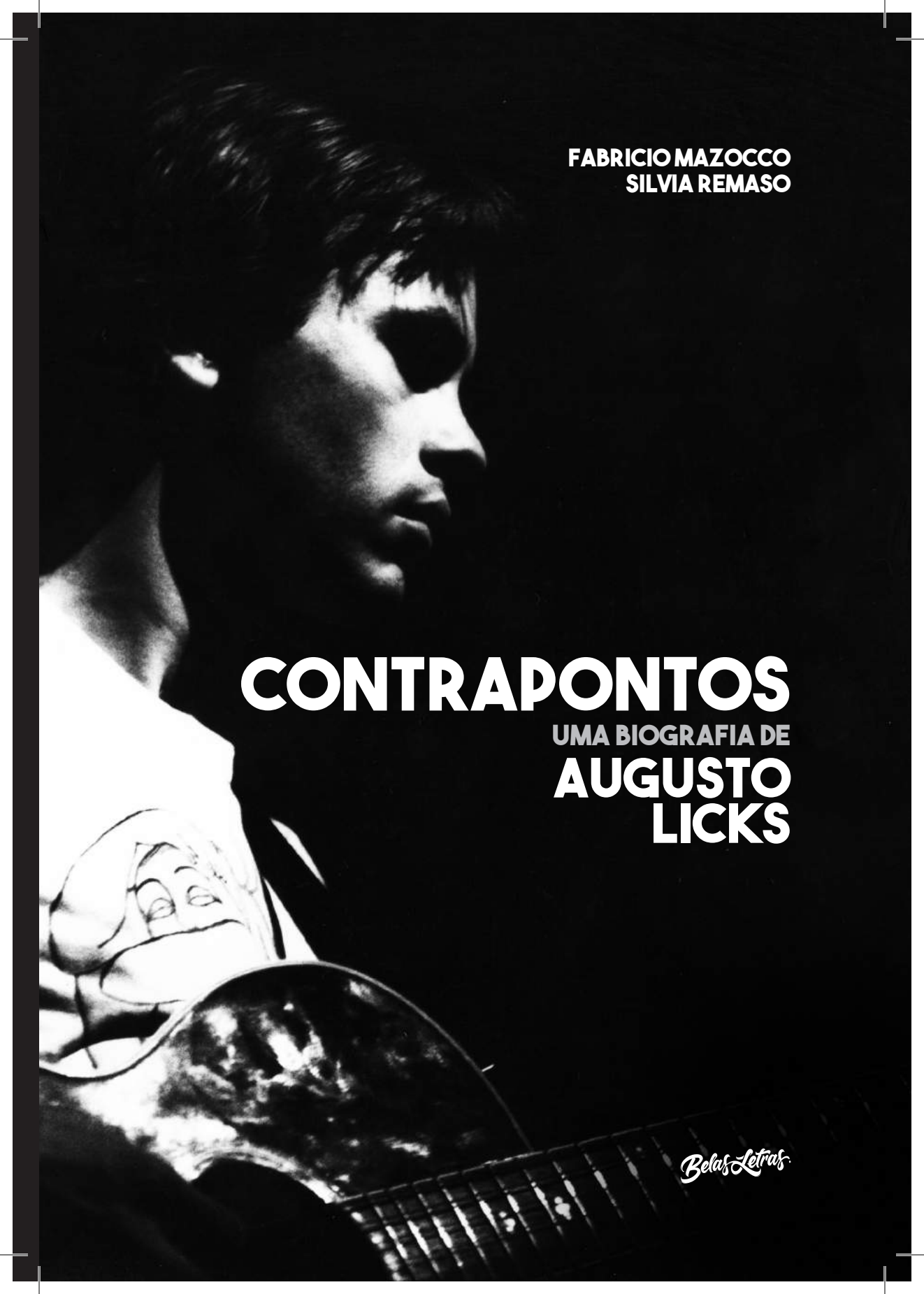




FAMÍLIA VIAGEM GASTRONOMIA **MÚSICA** CRIATIVIDADE
& OUTRAS LOUCURAS



A high-contrast, black and white photograph of a young man in profile, facing right. He is holding a guitar, with the body and neck visible in the lower half of the frame. The lighting is dramatic, with the right side of his face and the guitar body highlighted against a dark background. He has dark hair and is wearing a light-colored t-shirt with a graphic design.

FABRICIO MAZOCCO
SILVIA REMASO

CONTRAPONOTOS

UMA BIOGRAFIA DE
**AUGUSTO
LICKS**

Belas Letras

© 2019 Fabricio Mazocco e Silvia Remaso

Uma mensagem assustadora dos nossos advogados para você:

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, sem a permissão do editor.

Se você fez alguma dessas coisas terríveis e pensou "tudo bem, não vai acontecer nada", nossos advogados entrarão em contato para informá-lo sobre o próximo passo. Temos certeza de que você não vai querer saber qual é.

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (edição), Fernanda Fedrizzi (coordenação editorial), Germano Weirich (revisão), Celso Orlandin Jr. (capa e projeto gráfico), Ilton Saffer (foto da capa) e Fernando Rigotto Witt (foto da contracapa)

Obrigado, amigos.

2019

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Belas Letras Ltda.

Rua Coronel Camisão, 167

CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS

www.belasletras.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer
Caxias do Sul, RS

M475c Mazocco, Fabricio
 Contrapontos: uma biografia de Augusto Licks / Fabricio
 Mazocco e Silvia Remaso. - Caxias do Sul, RS:
 Belas Letras, 2019.
 320 p.

ISBN: 978-85-8174-472-8

1. Músico brasileiro – Biografia. 2. Licks, Augusto, 1956.
3. Guitarrista gaúcho – Música Popular Brasileira
I. Remaso, Silvia. II. Título.

18/98

CDU 929Licks

Catalogação elaborada por
Rose Elga Beber, CRB-10/1369

Dedico este livro à família de onde vim e à família que formei. A Augusto Licks, que foi quem me inspirou a ouvir música de outra maneira! A todos e a todas que me apoiaram.

Fabricio Mazocco

Para Augusto Licks, um gênio que engenhosamente se comunica com a guitarra, e ao meu amado filho, Vittorio.

Silvia Remaso

A vinyl record is shown from a top-down perspective, partially cut off on the right side. The record's surface is covered in a halftone dot pattern, with the density of the dots increasing towards the center. The central white label features the word 'SUMÁRIO' in a bold, sans-serif font, arranged in three lines. The record is set against a light gray background.

SU MÁ RIO

PREFÁCIO (8)

COMO ESTE LIVRO FOI CONSTRUÍDO (14)

TO BE OR NOT TO BE ENGENHEIROS DO HAWAII (17)

LADO A / Por Silvia Remaso

LONGA HISTÓRIA (26) / NASCE UM MENINO (28) / UM PÉ NA ALEMANHA (30)

CINEMA GOIO-EN (32) / AS PERIPÉCIAS DOS LICKS (34) / XEQUE-MATE (38)

SONS AO REDOR (39) / GUITARRA ELÉTRICA (44) / PROFESSOR IRMÃO (45)

PRIMEIRA MUDANÇA (48) / FRIENDSHIPS (50) / JULIÃO (53) / GAROPABA (54)

WALK TOGETHER, TALK TOGETHER (55) / PRIMEIRO IMPROVISO, PRIMEIRA GUITARRA (57)

TURMA DE 72 (60) / BAHIA E ALÉM (61) / PORTO ALEGRE 73 (64) / DRIBLE (67)

DESCOBERTAS CULTURAIS (71) / 11 DE SETEMBRO (76) / ARTE ITINERANTE (78)

GUITARRISTA DE HAMELIN (79) / A SOBREVIVÊNCIA (82)

A GENTE SE ENCONTRA NO CHAFARIZ (83) / LENTO E MUDO (85) / ¡HOLA! (86)

A TOCA (87) / QUEBRANDO O SILÊNCIO (88) / FACULDADE FANTASMA (89)

ANTENADO (90) / A BOLA ROLA E O SHOW NÃO PARA (93) / O MUNDO DA COPA (95)

BBC EM PORTO ALEGRE (97) / VOCÊ DESPEDAÇOU MEU CORAÇÃO (98) / LADO A LADO (100)

DEU PRA TI, O GÊNESIS (102) / DEU PRA TI, O SHOW (103) / DEU PRA TI, O FILME (109)

MUSIPUC 80 (111) / NO CHANCE IN JAZZ (114) / PRIMAVERA DE 82 (115)

VEM COMIGO NESTE BARCO AZUL (116) / SÓ BLUES (118) / CROWDFUNDING ANALÓGICO (120)

PICNIC (123) / PEÇAS DE TEATRO (124) / MÔNICA TRICOMÔNICA (127) / CHEIRO DE SOM (128)

VOU PRO RIO, TCHAU! (130) / ELES, OS (131) / DEIXANDO AS RAÍZES (132)

CARECAS DA JAMAICA (133) / OUTROS INSTRUMENTOS (134) / AMIZADE (135)

LADO B / Por Fabricio Mazocco

O QUE DIZEM NO BOM FIM (138) / REVOLTA NOS ESTÚDIOS (142) / CAINDO NA ESTRADA (154)

CLARK KENT ÀS AVESSAS (161) / MAIS QUE UMA ALTERNATIVA (167) / DISTORÇÃO (171)

PARELHINHAS (178) / UM BRINDE À IMPRENSA (182) / AO VIVO (187) / NAU IN URSS (191)

CONSAGRAÇÃO HOLLYWOODIANA (201) / PEDALEIRAS, TECLADOS E GUITARRAS (211)

O MELHOR GUITARRISTA DO BRASIL (221) / OUTRAS VARIÁVEIS (231) / CHECK IN (237)

A ÚLTIMA PARCERIA (242) / O ÚLTIMO DISCO (251) / A ÚLTIMA TOUR (257)

O ÚLTIMO SHOW (262) / A MARCA (269) / MANCHETES DE JORNAIS (278)

MOACIR MONTENEGRO (286) / DEFESA E ACUSAÇÃO (290) / DO QUARTO PARA O MUNDO (295)

licks NO PALCO (313)

MEU PAI É INCRÍVEL / Por Laura Jakubiak Licks (316)

AGRADECIMENTOS (319)

PREFÁCIO

Mauro Borba 04/09/2017



Augustinho Licks participou de vários momentos da música e da cultura do Rio Grande do Sul, tocando em shows com vários artistas: Bebeto Alves, Kleiton e Kledir, Nei Lisboa ou nos discos de vários compositores. Também operava a mesa de som de shows e atuava no jornalismo. Participou ativamente da vida cultural de Porto Alegre naqueles tempos de "crise". Tempos em que a gente era "um bando e muitos outros", como disse Bebeto Alves. Ou tempos em que sonhávamos "salvar a humanidade ao redor da mesa", como disse Nei Lisboa. Tempo em que éramos felizes e não sabíamos.

A primeira vez que encontrei Augustinho, eu era recém-chegado em Porto Alegre em 1980, talvez 81. Meu conterrâneo Laerte de Franceschi, repórter da Rádio Guaíba, me ajudava a encontrar um lugar para morar. Como Licks trabalhava na rádio nos falamos rapidamente por acaso e estabelecemos contato de novo na Bandeirantes FM, recém-inaugurada, onde recebi das mãos de Nei Lisboa uma fita (de rolo) com a primeira gravação de estúdio de "Pra viajar no cosmos não precisa gasolina", um blues que foi apresentado no MusiPuc em novembro de 1980, parceria de Nei e Licks. Achei a música muito boa, e como era um dos programadores da rádio comecei a tocar imediatamente. Convidei a dupla para uma entrevista no programa "Noite Alta", que fazia às quartas e sábados, às 20h.

Tempos depois daquela entrevista, Augusto e eu nos encontramos na saída do supermercado Zottis, na rua da República. "Como está o programinha lá?", Licks me pergunta, e diz: "Moro aqui perto, na Joaquim Nabuco". Além da música, trabalhava como jornalista, era editor de esportes da Rádio Guaíba. O rádio talvez tenha nos aproximado mais. Estava procurando um lugar para morar e então Augustinho, que estava morando sozinho num apartamento grande, na quadra onde surgiu o Bar Opinião, me ofereceu o apartamento por um tempo. O apartamento (cuidado pela Dona Maria) tinha dois quartos e

um anexo, um espaço no terraço coberto e transformado na “toca”, a gente precisava abaixar pra entrar nesse buraco na parede. Lá dentro, panos coloridos, pufes e almofadas, toca-discos, livros, discos de vinil e incenso. A entrada da toca dava para o meu quarto. Morava naquele espaço meio hippie, que era um resquício dos anos 70.

O apartamento sempre tinha gente chegando, saindo, papos sobre músicas, guitarras... Licks era famoso pelos instrumentos que tinha: um violão Washburn, uma guitarra Gibson preta e o violão Ovation (reza a lenda que foi o primeiro daquele tipo a chegar em Porto Alegre). Acompanhei de perto a movimentação artística do Licks e do Nei. Nesse apartamento assisti à gravação caseira com dois violões de “Mônica Tricomônica”, num gravador Teac K-7 de quatro canais. Essa gravação virou um hit na Ipanema FM, e eu ficava feliz de poder dar uma “força” para os amigos, além de gostar das músicas e do convívio com eles e outras pessoas da cena artística de Porto Alegre.

Licks tinha conexões no exterior. Viajava, trazia equipamentos, já havia morado nos EUA quando havia feito intercâmbio e tinha um apreço pelo blues. Ele me apresentou o som de Sonny Terry e Brownie McGhee, entre outros. Através dele conheci o Boina (da música “Praça XV”), o artista plástico Marquinho Pilar, o jornalista Pedro Haase, o diretor de teatro Nelsinho Magalhães. Por conta da rádio convivia com pessoas do meio artístico e cultural que batalhavam por espaços culturais e se encontravam entre o Bar do Beto e o Pedrini ou, quando a ocasião pedia, no Copacabana, onde Licks sempre pedia o Ravioli gratinado, mas... sem presunto! Os vinhos eram baratos, mas a vontade de fazer as coisas e o sonho eram grandes.

Uma brincadeira que sempre fazíamos era comentar “o problema da música do Rio Grande do Sul”. Ocorre que desde sempre ouvimos comentários, debates, programas de rádio e TV, e matérias de jornal falando sobre isso. “Por que a música do Rio Grande do Sul não tem espaço? Por que a música do Rio Grande do Sul não funciona em todo o Brasil? (Com as exceções, claro)”. Concordávamos

com muitas coisas que eram ditas nessas discussões, mas achávamos engraçado a quantidade de debates e o tom das discussões, como se fosse um problema político. Era comum nos telefonemas o Licks perguntar: “Muitos debates sobre o problema da música do Rio Grande do Sul?”

Outra piada comum: chamarmos o jantar de “crise”. Porque o Jornal Nacional estava sempre falando sobre a “crise”, então a gente dizia: nos encontramos na hora da crise. Vamos fazer uma “crise”. A crise era a janta. Isso era nos anos 80! Pensando bem, não sei se mudou muita coisa...

Nas festas de fim de ano na casa dos Licks em Montenegro, a grande atração era a cerveja escura feita pela dona Irma, mãe do Augustinho. Ela preparava a cerveja durante o ano para aquele momento esperado e curtido por todos os cervejeiros. Dona Irma dizia pra mim: “Tu é mais um irmão do Augustinho” – e sorria largamente, o que era sua marca registrada.

Essa visão divertida do Licks contrastava um pouco com seu jeito quieto de ser. Um certo ar insondável (às vezes passava dias fechado tocando) e um jeito calmo de tocar. Coisas de artista. Outra bem-humorada visão do guitarrista sobre a vida de músico: quando tinha que ensaiar ou viajar pra shows costumava comentar: “saudades de ser uma pessoa normal”.¹

Foi na minha casa, mais adiante e já em outro endereço, na Casemiro de Abreu, que mostrei uma fita dos Engenheiros do Hawaii para Nei, que resolveu tocar “Segurança” (você precisa de alguém...) num show no Círculo Social Israelita. A banda ficou feliz com a homenagem porque eles queriam uma aproximação com o Nei. A demo estava fazendo sucesso na rádio Ipanema. Humberto Gessinger costumava dizer que estava mais para Nei Lisboa do que para o rock inglês, que era uma tendência forte do pop.

¹ Frase que Augusto ouviu do tecladista Glauco Sagebin.

Quando os Engenheiros convidaram Licks para entrar na banda eu fiquei surpreso. Todo mundo ficou surpreso. Não combinava o estilo, o jeito de tocar... várias coisas. Humberto, com seus trocadilhos e frases de efeito, disparou: "Licks não precisa nem tocar, só aquela luzinha do *fender twin* acesa, já basta". Claro que não era bem assim! Já nos ensaios Licks comentava que era tudo muito estranho, diferente. Eu achava que não ia dar certo. E a partir daí nossas conversas foram diminuindo, na mesma proporção que a banda subia nas paradas.

Num determinado momento viajei de férias para o Rio de Janeiro. Combinamos que ficaria no apartamento do Licks na Urca e aproveitaríamos para colocar os assuntos em dia. A banda já era um sucesso nacional e fazia muitos shows. Quando cheguei, Augusto estava saindo para uma gravação em São Paulo. Me alcançou a chave, disse para ficar à vontade e entrou num táxi.

Eu continuava achando que algo não ia bem na relação deles, mas as coisas para a banda estavam funcionando, e afinal, qual banda não tem problema de relacionamento, não é mesmo? Acredito que o fato de eu ser um "cara da imprensa" colaborava para que alguns assuntos não fossem comentados. Na verdade, também fui me desinteressando pelos assuntos da banda. Então tudo foi ficando mais distante, inclusive a briga final, que acompanhei pela imprensa mesmo. Licks, na época, e durante muito tempo depois da separação da banda, não atendia o telefone. Tinha que deixar recado e ele retornava uma semana depois e ficava horas no telefone falando da vida. Quando se deu a separação, eu via tudo aquilo acontecendo e, apenas uma vez, quando tive oportunidade, disse para ele: "Cara, fala alguma coisa, os caras estão te detonando e toda a imprensa querendo saber o que tu tem a falar. Aproveita e fala". Ele preferiu silenciar.

Garopaba, a moto vermelha, Bob Dylan, Cidade Baixa, Eric Clapton, jornalismo, política, blues, café, guitarra, Montenegro, Nova York, rádio Guaíba, a família americana, os irmãos e sobrinhos. São imagens e lembranças do cara com quem a cidade de Porto Alegre, o rádio e a música me fizeram conviver naqueles nem tão Verdes Anos.



Foto acervo pessoal de Augusto Licks.

COMO ESTE LIVRO FOI CONSTRUÍDO



Em 2012 o jornalista Fabricio Mazocco viajou ao Rio de Janeiro para tentar um encontro com Augusto Licks, queria escrever sua biografia. Ficou surpreso, pois esperava um não como resposta. Depois de algumas xícaras de "Verinha" no Café Latte, Augusto aceitou, alertando que poderia enfrentar dificuldades. Sugeriu que contatasse uma jornalista que desde 2009 escrevia um blog sobre sua carreira. Silvia Remaso aceitou, e aos dois Augusto sugeriu que contassem sua história ouvindo o que outras pessoas teriam a dizer. Algumas pessoas se recusaram a falar, outras sequer responderam. Mesmo assim foram mais de 50 entrevistados, quantidade de depoimentos e informações que dobrariam as páginas deste livro.

Após um ano e meio de trabalho, surgiu a oportunidade de um encontro em São Paulo. Augusto preparava sua palestra interativa sobre música e conversou com a dupla de jornalistas por seis horas seguidas. Esclareceu dúvidas, explicou o porquê de seu longo silêncio e comentou questões que permaneciam envoltas num "nevoeiro". As conversas continuaram por e-mail e algumas vezes por telefone. Uma história puxa a outra, que leva à próxima.

Os autores encontraram na terceira pessoa a voz para narrar a história desse caçula de uma família de oito filhos. Um sujeito do interior do Rio Grande do Sul, tímido, voz pequena e preocupado em não falar com sotaque alemão, que disputou um campeonato de xadrez aos 5 anos e afinava violão sem nunca ter aprendido. Sua infância e adolescência têm como fundo um período da história em que o país tinha sua liberdade e cultura destruídas pelo regime militar.

Na linguagem musical, contraponto é uma voz melódica simultânea a outra(s), expressando na mesma situação uma afirmação diferente/divergente. É comum incluírem-se instrumentais numa canção, e a maneira mais simples é tocar num instrumento a mesma melodia cantada. Outra maneira é divergir, tocar outra melodia,

e essa foi a escolha de Augusto. O termo musical também empresta simbolismo: tirar a prova, enxergar a realidade por outros ângulos, desafiar certezas estabelecidas.

Desde dezembro de 1993, quando saiu dos Engenheiros do Hawaii, Augusto se recusou a dar entrevistas sobre o assunto. Por muitos anos manteve-se totalmente fora da mídia e por pouco não virou a lenda do guitarrista sem cabeça. Milhares de fãs intrigados com o silêncio usavam as redes sociais tentando descobrir “Por onde anda Augusto Licks?”. Ele voltaria à cena, a seu próprio modo, com o existencial *Do Quarto Para o Mundo*.

De temperamento tranquilo, porém falante, parecia autoexcluir-se, numa espécie de mecanismo de defesa. Superando-se nas carreiras simultâneas de músico e jornalista, Augusto Licks era discreto demais. Outsider, quase não falava nas entrevistas nem fazia gestos e coreografias como a maioria dos guitarristas. Nos Engenheiros do Hawaii, usava sempre camisa social branca, calça jeans escura, tênis preto com aparência de sapato e óculos do tipo Clark Kent. Um guitarrista *nerd* que numerava e assinava suas palhetas antes de jogar para o público no final dos shows. Com seu cigarrinho no canto da boca, levava o ato de tocar muito a sério.

O livro foi dividido em duas partes: Silvia Remaso escreveu a primeira, o Lado A, sobre a infância, o intercâmbio nos EUA, trabalho na rádio e as primeiras vivências musicais. Fabricio Mazocco, no Lado B, conta desde a sua entrada nos Engenheiros do Hawaii até detalhes das gravações dos discos, equipamentos usados, as turnês, o sucesso, a briga judicial, o workshop e muito mais. Aos amantes de guitarra e tecnologia musical sugerimos fazer a leitura ouvindo as canções correspondentes.

Este livro é uma rara oportunidade de conhecer as histórias de vários Augustos: radialista, parceiro de Nei Lisboa, integrante dos Engenheiros do Hawaii, colunista do Estadão e assim por diante. Quer saber por onde andou Augusto Licks? É só virar a próxima página!



TO BE OR NOT TO BE ENGENHEIROS DO HAWAII

Por Fabricio Mazocco

Um banho rápido, uma roupa razoável. Para Augustinho é apenas mais um show de rock, depois de tantos outros. A atração desta noite de 11 de maio de 1987 é a banda inglesa pós-punk Echo & the Bunnymen. O palco é o Canecão. Não é sua banda preferida, mas é uma boa opção em pleno outono carioca.

O cansaço chega lentamente, afinal foi mais um dia de gravações para o disco *Carecas da Jamaica*, de Nei Lisboa. Nunca uma gravação de estúdio é tranquila. E hoje foi dia de Nei receber Humberto Gessinger, Carlos Maltz e Marcelo Pitz, os Engenheiros do Hawaii, para uma participação na faixa-título.

"Carecas da Jamaica" foi escrita por Nei e tem a música de Augusto. Como Nei cantou junto em "Toda Forma de Poder", no primeiro disco dos Engenheiros, era hora de retribuir o convite. Além de ele próprio regravar a mesma música numa versão intimista, voz e violão, Nei também havia incluído nos shows a canção "Segurança", de Humberto, arranjada por Augusto, o que deixou os Engenheiros felizes, afinal era Nei Lisboa tocando música de um grupo que estava começando.

Humberto já tinha declarado que se sentia próximo da MPG de Nei Lisboa, contrariando tendências do rock gaúcho da década de 80. Os Engenheiros do Hawaii,² desde seu início, investiram numa estratégia de se diferenciar de todas as formas, por exemplo, rejei-

2 O nome da banda sempre rendeu assunto em entrevistas, gerava curiosidade semelhante a "Paralamas do Sucesso". "Hawaii" era um termo muito associado com a prática de surf, que alguns gaúchos rejeitavam como "coisa de carioca Zona Sul" (Os Replicantes tocavam "Surfista Calhorda") e que alguns estudantes de arquitetura atribuíam a estudantes de engenharia, taxados de "menos criativos".

tando qualquer ligação com o bairro Bom Fim, de onde era gerada a maioria das bandas daquela geração, diferente de legados mais antigos como o bairro IAPI, associado a Liverpool/Bixo da Seda, Bandaliera, e mesmo Garotos da Rua. Na verdade, o foco da rejeição era mais o bar Ocidente do que o próprio bairro. Afinal, os apreciados Saracura e Nei Lisboa eram produtos do Bom Fim, e o próprio baterista Carlos Maltz morava lá com sua mulher. Buscando se diferenciar, anunciavam-se como uma banda da Zona Norte, mesmo que os ensaios fossem no bairro de Petrópolis. Enquanto o Ocidente era palco de várias bandas novas, os Engenheiros do Hawaii se apresentaram pela primeira vez no auditório da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, no dia 11 de janeiro de 1985, mesmo dia do Rock in Rio. Além de Humberto, Carlos e Marcelo, também integrava a banda Carlos Stein, mais tarde guitarrista do Nenhum de Nós, todos eles estudantes de Arquitetura.

De show em show, como se fosse o último, e com demos apresentadas a Mário Borba e toçadas na Rádio Ipanema, os Engenheiros foram convidados a tocar no Gigantinho no Festival Rock Unificado, junto com mais nove bandas gaúchas, evento que reuniu mais de 10 mil pessoas. Seria apenas mais um festival se não fosse a presença de um olheiro da gravadora RCA.

Nessa época, o rock estourava em todo o país. Bandas cariocas e paulistanas ocupavam parte da programação das rádios e das TVs. As gravadoras procuravam um novo sucesso em seu cast. Com a cena roqueira crescendo em Porto Alegre, um festival como o Rock Unificado era um prato cheio. E não foi por acaso que logo depois a RCA lançaria a coletânea *Rock Grande do Sul*, que trazia duas músicas de cinco bandas selecionadas: Os Replicantes, TNT, DeFalla, Garotos da Rua e Engenheiros do Hawaii. Daí para a gravação de um disco próprio foi um pulo.

Em 1986, os Engenheiros do Hawaii lançaram o disco *Longe De-mais das Capitais*, produzido por Reinaldo Barriga Brito. Com “Toda

Forma de Poder" incluída na novela Hipertensão, da Globo, e músicas tocando nas rádios e TVs, a banda ultrapassa a fronteira do Rio Grande do Sul e começa a viajar pelo país.

Humberto, Carlos e Marcelo vinham de Belém, onde tocaram na noite de 9 de maio de 1987. Pararam no Rio e na tarde de segunda foram recebidos por Nei e Augusto no estúdio da EMI-Odeon, na rua Mena Barreto. Cumprimentos. Os momentos que antecedem a gravação são preenchidos com falas técnicas, quem faz o quê e algumas brincadeiras que não agradam a todos. Ensaios e... valendo! Carlos puxa a levada reggae, a guitarra de Humberto faz base, e a de Augusto faz contraponto com a linha de baixo de Marcelo. Nei e Humberto novamente dividem o vocal.

Fim da gravação. Alguém lembra que Echo & the Bunnymen faz um show em palcos cariocas naquela noite. "Quem vai?". No grupo alguns já declinam do convite.

– Vamos, Carlos? – pergunta Augustinho.

– Por que não?!!

O convite para o show era bom motivo para sair na noite carioca.

Se para Augusto o baterista dos Engenheiros ainda era um quase desconhecido, a recíproca não era verdadeira. Por muitas vezes Carlos vira Augusto em shows em Porto Alegre. Aliás, antes de se conhecerem, Carlos e Humberto sempre estavam no público que via e ouvia Nei, com Augusto na guitarra. Augusto por sua vez só os tinha visto quando operou o som da banda num show no Taj Mahal. Agora estão se revendo na gravação do disco do Nei.

Augustinho encarou a pé a distância da casa do irmão onde estava hospedado, na Urca, até o Canecão, na avenida Venceslau Braz, ao lado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Augusto entra e pouco tempo depois vê Maltz turistando nos fundos do salão. Além dos fãs anônimos, também estavam no Canecão João Barone, d'Os Paralamas do Sucesso, Charles Gavin, dos Titãs e Roberto Frejat, do Barão Vermelho. Era uma noite de estrelas.

As luzes do Canecão se apagam. Augusto e Carlos pouca atenção dão ao palco. Conversam como se fosse a primeira vez. E de certa forma, era. Carlos fala da banda, do rock gaúcho, bateria e assim por diante. Augusto conta um pouco de sua história, de parceiro a guitarrista contratado pelo Nei, de guitarra e de como naquele novo disco de Nei existia a intenção de soar mais como banda, sem abrir para arranjadores contratados como acontecera no *Noves Fora*. Fala da importância das bandas usarem poucos recursos que os estúdios oferecem, e fazerem no show um som mais próximo possível do que está no disco. E assim vão quase duas horas de show e de conversa. Luzes acesas. Antes de ir embora, trocam telefone e se despedem. Pés no chão para a caminhada de volta à Urca.

Carlos chega ao hotel. Humberto ainda está acordado. Pergunta como foi o show. O baterista conta que pouco viu, que passou o tempo todo batendo papo com Augusto Licks, e resume um pouco da conversa.

– Cara, vamos chamar o Augusto para entrar na banda? – pergunta Humberto.

– Demorou! – responde animado Carlos.

Um mês antes já havia sinais de que Marcelo Pitz não continuaria na banda, iria ficar só até o fim da tour.³ Havia um desgaste na relação com Humberto e Carlos, e Marcelo nunca quis dar entrevistas para falar disso. A gravação do próximo disco já estava marcada para julho e agosto em São Paulo, nos estúdios da RCA, e Humberto e Carlos passaram a ensaiar, apenas os dois. Todas as músicas já estavam compostas e uma demo foi gravada na EGER, em Porto Alegre, com o técnico Alexandre Alves, que na banda era chamado por "Hilário". Humberto tinha comprado uma guitarra Ibanez George Benson e um amplificador Roland Jazz Chorus.

3 O último show com Pitz foi no dia 20 de junho, em Garibaldi (RS).

Humberto já nutria admiração por Augustinho muito antes de sonhar em montar uma banda. Augusto tocava guitarra limpa, diferente das "guitarras sujas"⁴ típicas de bandas da época. Além disso, era um conhecedor e apaixonado por tecnologia e técnicas de som, produtor, e sabia lidar com outros instrumentos. Tudo isso passou pelos pensamentos de Humberto quando Carlos falou de Augusto. Além de contar com um guitarrista habilidoso, os Engenheiros do Hawaii poderiam ampliar a tríade guitarra-baixo-bateria que praticavam com Marcelo Pitz. Augusto também tocava teclado, piano, gaita, órgão, violão. Quase uma banda dentro de uma banda. E tudo parecia indicar que era para ser. Marcelo Pitz saindo da banda, agenda fechada para entrar no estúdio, encontro com Augusto Licks. Será? Carlos não imaginava usar tão cedo o número de telefone que acabara de receber do guitarrista.

Distante do hotel, Augusto procura algo para comer na geladeira do irmão. Toca o telefone, atende ainda um pouco ofegante da caminhada desde o Canecão.

– Augusto, aqui é o Carlos Maltz. É o seguinte, quer entrar para a banda?

Silêncio. Licks é pego de surpresa ao ser convidado para entrar nos Engenheiros do Hawaii.

Augusto ficou sem palavras, não esperava por aquela proposta. No estúdio até tinha rolado um boato, mas era de que os Engenheiros talvez convidassem o baixista Renato Mujeiko, que tinha tocado com Pepeu Gomes. Respondeu que ia pensar e daria a resposta mais tarde. Desligou o telefone e sentou-se no sofá, olhando a avenida Pasteur pela janela. O que faria? Nem mesmo havia se recuperado da caminhada e, mais uma vez na mesma noite, deixou o apartamento. Antes de mais nada precisava conversar com alguém com quem mantinha uma história, mesmo que naquele momento não se sentisse como protagonista dela.

⁴ Quando o som é distorcido, por saturação de válvulas ou pedais de efeito.

Augusto não conhecia tão bem a banda, nem mesmo o som que fazia era propriamente do seu estilo musical. Gostava de rock, claro, mas de rock mais antigo, o que tinha ouvido de bandas oitentistas lhe soava muito primário. Ainda assim, fazer parte de uma banda era um sonho antigo, tinha muito mais a ver com ele do que aspirações fusion-jazzísticas que impregnavam músicos de sua geração. Mas tinha uma preocupação. Aceitar o convite talvez significasse deixar de estar com o Nei, com quem compartilhava uma história musical desde fins da década de 70. Por outro lado, também poderia deixar de ser “o guitarrista contratado do Nei” e voltar a deixar sua marca num trabalho autoral, como nos tempos da antiga dupla. Desde 85, quando decidiu sair da Rádio Guaíba e se dedicar à música, participou de vários projetos, mas sempre como músico contratado. Não queria mais tocar por cachê, e sim estar no protagonismo. Esta seria a oportunidade de ser o que sempre quis: coautor e integrante de uma banda. Sua geração tinha muitas carreiras solo, como Bebe-to Alves, Júlio Reny, Nelson Coelho de Castro, entre outros. Havia pouco espaço para bandas, a não ser como apoio. A nova geração, ao contrário, se caracterizava justamente por formações em banda. Além disso, poderia pôr em prática vários experimentos musicais. Tudo isso ocupava seus pensamentos enquanto caminhava em direção a Copacabana.

Nei Lisboa ficou surpreso quando a recepção do hotel avisou da visita de Augustinho, naquela hora da noite. Ele chegou sem rodeios, logo relatando o convite que acabara de receber e que estava avaliando. Foram até o restaurante vazio do hotel. Ali não estavam o vocalista e o seu guitarrista, e sim dois amigos. A notícia inesperada gerou longos minutos de silêncio, era uma ficha difícil de cair. Em determinado momento Nei comentou que era interessante que coisas assim acontecessem, como no ano anterior, quando Augusto fora chamado por Kleiton e Kledir. Mais silêncio. Pouco depois acrescentou que aquilo o faria assinar um projeto, passaria a inte-

grar a figura de artista. Talvez pela cabeça de Nei passassem velozmente num mesmo instante as vivências que tiveram juntos, desde as apresentações no circuito universitário, os muros pichados do *Deu pra ti, anos 70*, os aipins pendurados nos violões, o *Só Blues* e as plantações de arroz na China. Ou apenas blues, ou nem isso. Estavam os dois sem ter o que dizer. Para Augusto, aquela visita não era um adeus, muito menos uma despedida, acreditava poder levar a banda e o trabalho com Nei de forma paralela, como vinha fazendo com outros projetos, mas sempre ao lado do Nei. Mal sabia ele o quanto os Engenheiros do Hawaii tomariam conta da sua vida. Não só pararia de tocar com Nei como também parariam todos os outros projetos, como música para cinema e teatro. Era tarde, despediu-se com algum habitual “vô nessa... até...” e ao sair pareceu ouvir o som de bebida enchendo um copo.

No outro dia, antes de voltar ao estúdio para continuar o trabalho no disco do Nei, ligou para o hotel. Humberto atendeu. Augusto disse que estava aceitando o convite. O vocalista se empolgou:

– Cara, tu nem precisa tocar. Se estiver lá em cima do palco com tua guitarra está ótimo!

Mais uma frase de efeito de Humberto que tinha um significado claro: sua admiração pelo trabalho musical de Augusto Licks, o “melhor guitarrista do Rio Grande do Sul”, como ele o apresentou no show do Taj Mahal. Augusto riu da frase e continuaram a conversa. Entre outros assuntos, o guitarrista disse que precisaria se desfazer de alguns equipamentos para comprar outros para sua entrada na banda. Listou alguns e Humberto se interessou pelo gravador Tascam 144 Portastudio fita K-7 de quatro pistas. Já no apartamento do Roque, Augusto mostrou o gravador, explicando seu funcionamento. Horas depois o Tascam com novo dono embarcava num voo com destino a Porto Alegre. Nele seriam gravadas grande parte das demos de músicas dos discos seguintes dos Engenheiros do Hawaii, com Augusto Licks na guitarra.



LADO A

POR
SILVIA
REMASO